

O NARRADOR DO ROMANCE

Daniela Osório Palin de Moraes (Faculdades Integradas FAFIBE)

“Nada causa mais interesse do que uma história que se desenrole atrás de um muro”, segundo Victor Hugo; e o narrador é o único que tem acesso aos acontecimentos que ocorrem do outro lado do muro.

Tais acontecimentos intrigam o leitor que terá sua atenção despertada, principalmente pela forma como os fatos são relatados, conferindo ao narrador a função essencial de elemento que pode transformar radicalmente a obra de arte, contrastando com sua habitual função de mero contador de estórias.

Destaca-se como único elemento fixo da narrativa, dentre os elementos essenciais (personagens, tempo, espaço), pois todos os demais podem sofrer mudanças, alguns podem ser suprimidos; outros, aparecer esporadicamente, mas nenhum romance “abre mão” de seu narrador.

Com o surgimento do romance, sua figura passa a trazer uma rica contribuição, pois tal gênero vai exigir um narrador mais arguto e complexo, porém não é uma figura nova, pois os contos, relatos e mitos já necessitavam de um narrador.

O narrador do romance (Fernandes, Ronaldo Costa. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1996) apresenta um estudo de extrema importância a respeito do romance, sobretudo ao que se refere ao “papel” do narrador, sendo imprescindível e de grande contribuição para os estudos da teoria da narrativa.

Uma das questões levantadas pelo autor é a que envolve o foco narrativo que, basicamente, pode ser em primeira e em terceira pessoas, porém o que envolve e intriga a questão da focalização está relacionado à emocionalidade.

Os narradores, tanto em primeira como em terceira pessoas, trabalham com a emoção, porém de modo diverso, pois o segundo apenas deseja despertar algum tipo de sentimento no leitor, ao contrário do primeiro que expõe os acontecimentos totalmente mediatizados por sua emocionalidade. Por isso, o narrador em primeira pessoa é o que mais instiga, provoca curiosidade, é problemático e expressa mais a modernidade.

Especificamente, há o narrador em primeira pessoa que é, ao mesmo tempo, personagem principal, testemunha, não somente de seu tempo, pois isso o narrador em terceira pessoa também o é, mas de si mesmo. Ele é, em primeiro lugar, testemunha de sua aventura psicológica para depois ser testemunha de seu tempo.

Em *São Bernardo*, com toda a visão marxista de Graciliano Ramos, o problema social é menor do que o problema emocional; o primeiro aparece por intermédio do drama íntimo do narrador-personagem Paulo Honório.

A narrativa repleta de reflexões e observações, “recheada” de subjetividade, faz com que o leitor desconfie do narrador em primeira pessoa, visto que seus conceitos e julgamentos apresentam-se totalmente fundados na emoção. É o que ocorre em *Dom Casmurro* de Machado de Assis. A ambigüidade é decorrente da visão do narrador-personagem Bentinho a respeito dos fatos.

O narrador em primeira pessoa, ao nomear-se, deu existência a seu personagem que é ele próprio e singularizou-se como narrador. Se o narrador é personagem secundário, limita-se a narrar a história de outros e tem uma existência de observador. Narra numa fusão de terceira e primeira pessoas; mesmo tendo a categoria gramatical na primeira pessoa, observa quase impessoalmente o que o rodeia; limita seu espectro de

consciência, não individualizando a experiência, algo fundamental para o narrador em primeira pessoa, pois ela particulariza e mostra uma visão de mundo.

Considera-se de suma importância, em um estudo sobre o narrador, além dos aspectos mencionados, sua relação com o autor e com o leitor.

Primeiramente, deve-se esclarecer a errônea idéia de que autor e narrador são a mesma “pessoa”, pois o autor é real, e o narrador é um ser ficcional, “de papel”, criado pelo autor.

Desta forma, seria um equívoco confundir Machado de Assis, autor de *Dom Casmurro*, com Bento Santiago, personagem-narrador da mesma obra.

Há de se mencionar também, a relação do narrador com o leitor, que pode ser real ou virtual. Quando o narrador de *Dom Casmurro* diz “tu, leitor” ou o narrador de *Stendhal* diz “oh, malévolo leitor”, não se referem a nós que estamos lendo as obras literárias e sim a uma criatura igual a ele, ou seja, fictícia.

Outra questão que envolve a narrativa e gera, de certa forma, uma polêmica já apresentada por George Luckács em seu ensaio *Narrar ou Descrever* (In *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968), trata-se de uma interpretação de dois fenômenos estilísticos comprometidos com a feitura da obra: a diferença entre narrar e descrever como oposição de dois modos de narratividade.

O que entra em discussão é a opção entre participar e observar, pois narrar implica uma cena em que o leitor participa, enquanto que descrever exclui o leitor que observa passivamente a cena.

Segundo Lukács, o que ocorre é a atomização da experiência, cuja aparência externa se revela através da descrição. Assim, o efeito torna os diversos e determinados aspectos objetivos do complexo das coisas em partes individualizadas dentro do romance. Conseqüentemente, este não mais expressa a vida e a complexidade das relações humanas, mas as individualidades e cenas finitas, vazias de dramaticidade, que não apontam para o conjunto e para a trama maior do romance.

Lukács se refere às descrições como quadros, trabalhando com juízo de valor, condena o procedimento quando este se torna insular.

Há, desta forma, a ausência de um fenômeno denominado, por Marx, crise e vista por ele como um fenômeno normal; trata-se de um processo necessário à continuidade, pois é através dela que há a explicação, intermediação, passagem e esclarecimento dos fenômenos conexos. E o narrador é um elemento em crise constante – a partir de sua tensão é que ele liga, conecta, explica, constrói, arranja, intermedia, conclui, passa e comenta.

A preocupação é entender que entre a descrição e a narração não apenas houve uma mudança qualitativa de narrador – um observador e outro participante e sim, entender que o narrador da descrição – do modo entendido por Lukács - é um narrador desprovido de tensão, logo esvaziado em sua função. A preocupação do estudioso, na verdade, é quanto a este narrador desprovido de “crise”, de narratividade, de tensão, de dialética ficcional – o narrador do comentário vazio é um narrador de outro universo da escritura que não o da literatura, apontando para outro discurso e não para a arte.

Bibliografia:

FERNANDES, Ronaldo Costa. O narrador do romance. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 1996.